

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

PENSAR GLOBAL¹

Edgar Morin

Antropólogo, filósofo e sociólogo francês, de origem judaica, Edgar Morin, nascido Edgar Nahoum (Paris, 8 de julho de 1921), é hoje tido como um dos maiores pensadores do mundo ocidental e um especialista incontornável das ciências da comunicação. Considerado por muitos um precursor dos chamados *Cultural Studies*, foi cofundador, com Georges Friedmann e Roland Barthes, do Centro de Estudos de Comunicação de Massas (CECMAS, 1960-1963), e do Centro de Estudos Transdisciplinares: Sociologia, Antropologia, Semiologia (CETSAS, que dirigiu entre 1973 e 1989) na École Pratique des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) e da revista *Communications* (1961).

A 30 de Março de 2000, foi agraciado com o grau de Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada de Portugal e, em 2021, aquando dos seus 100 anos, foi homenageado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Grande erudito e humanista, e, em certa medida, visionário, procurou, ao longo da sua vasta obra – na qual destacamos *L'esprit du temps* (1962), *Paradigme perdu: la nature humaine* (1973), *La Méthode* (em 6 volumes, entre 1977 e 2004), *Science avec*

¹ Morin, E. (2016). *Penser global*. Flammarion, pp. 123-128.

conscience (1982), *Penser l'Europe* (1987), *Introduction à la pensée complexe* (1990), *Les Sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur* (2000), *Penser global* (2016), *Réveillons-nous!* (2022) – e na sua busca pelo conhecimento do humano, cimentar a teoria do “pensamento complexo”, erigida em torno dos operadores da complexidade (o operador dialógico, o operador recursivo e o operador hologramático) e da noção de transdisciplinaridade, em nome, sobretudo, do questionamento da cisão entre Ciência e Arte, Cultura e Natureza, no redimensionamento dos conceitos de ordem e desordem, de unidade e multiplicidade, de complementaridade e antagonismo, e de auto-eco-organização. Neste excerto, retirado da sua obra *Penser global*, publicada em 2015, Edgar Morin retoma alguns princípios em torno do conhecimento complexo e do pensamento totalizante, da verdade absoluta e da ignorância para colocar a tônica na questão da percepção e da “racionalidade aberta”.

O objeto do pensamento complexo não é destruir a incerteza, mas localizá-la, reconhecê-la; é evitar a crença ou uma verdade total. Theodor Adorno, grande filósofo da Escola de Frankfurt, embora formado pelo pensamento totalizante de Hegel e Marx, dizia precisamente: “A totalidade é a não-verdade”. Quem crê compreender o total engana-se, ninguém pode fazê-lo.

Qualquer decisão política, comercial, econômica, matrimonial, etc., envolve uma aposta, ou seja, uma incerteza. A “ecologia da ação” significa que a ação escapa ao seu decisor assim que ela entra num jogo de interações sociais, políticas e outras. Este jogo pode virar a ação contra aquele que a iniciou; pode originar fracasso ao invés do sucesso esperado. É, por exemplo, Napoleão III que declara guerra à Prússia pensando que venceria em três tempos, ao passo que foi a Prússia que ganhou à França em três tempos. Devemos pensar que o conhecimento ficará inacabado, não só porque não podemos

alcançar a certeza absoluta em tudo o que é complexo, mas também porque o conhecimento, seja ele qual for, tem os seus próprios limites cerebrais, mentais, intelectuais. Se o conhecimento progride, ele incrementa igualmente a ignorância.

A cosmologia fez enormes progressos desde que se descobriu que o universo estava em expansão, que havia provavelmente na origem um evento explosivo chamado *Big Bang*, mas essa descoberta criou múltiplas ignorâncias: de onde saiu esse *Big Bang*? Do vazio? Como pode um universo material sair do vazio? O que é o vazio? Etc. Quanto mais conhecemos o nosso universo, mais misterioso ele se torna, com, como já disse, a nossa matéria que representa apenas 4% da sua natureza, e uma formidável energia negra invisível e desconhecida que empurra o cosmos para uma dispersão mortal. O que ganhámos é uma ignorância que se conhece como ignorância, ao passo que estávamos numa ignorância que se ignorava como ignorância. Ganhámos o sentido de mistério e do desconhecido.

Uma ideia muito importante própria do conhecimento complexo é que ele parte do facto de que o conhecimento, qualquer que ele seja, é em si uma tradução seguida de uma reconstrução. O conhecimento perceptivo, por exemplo, que chega aos olhos através dos fótons que chegam à retina, passa por esse processo de transformação: os *stimuli* recebidos são transformados num código binário que passa pelo nervo ótico, e as transformações ainda muito misteriosas no cérebro dão imediatamente a percepção de que não se trata de uma fotografia, porque a constância perceptiva, em vez de ver pequenos os objetos distantes segundo a imagem retiniana, restabelece-os no seu tamanho real.

Esses processos de tradução/reconstrução existem para a percepção, para as ideias, para as ideologias, para as teorias, para as crenças, etc. Estamos condenados à tradução, o que quer dizer ao risco do erro, e à reconstrução, o que também quer dizer risco de lacunas e de erros; como diz o italiano, *traduttore, traditore*, “traduzir

é trair”. As interpretações podem ser mais ou menos corretas, mas essa filosofia que é a hermenêutica diz-nos que estamos condenados à interpretação. A verdade é sempre reconstruída pelo cérebro, pela mente. Por exemplo, o infravermelho e o ultravioleta escapam aos nossos sentidos, mas podemos detetá-los graças à técnica, graças à ciência, que nos mostram que existe um infravermelho e um ultravioleta. No entanto, outras realidades escapam à nossa lógica e à nossa racionalidade.

O conhecimento do conhecimento

Husserl, numa memorável conferência proferida a 7 de maio de 1935 no Kulturbund em Viena, sobre aquilo a que chamava a “crise da ciência europeia”, mostrava que a ciência, excelente para conhecer objectos externos, é completamente inválida para conceber o que é o sujeito cognoscente, o cientista. Só muito recentemente começámos a considerar a ciência como objecto de estudo, nas suas teorias, nas suas práticas, nas atividades dos cientistas. Foi depois de Hiroshima que pudemos ver que os cientistas foram ultrapassados pelo progresso da máquina científica que não controlam. Assim como a ciência do século XVII tinha a justa necessidade de evitar qualquer juízo de valor, qualquer juízo moral, qualquer juízo político, para não ser controlada pelos poderes constituídos, também agora se vislumbra que o conhecimento sem regulação ética pode levar a usos aterradores.

É comum considerar as crenças do século passado denegrindo os erros, as ilusões que elas testemunharam. Mas quem nos diz que nós mesmos somos imunes ao erro e à ilusão? A teoria do neoliberalismo económico, que se afirma como científica, começa a transparecer como uma ideologia e como uma ilusão. Nunca refletimos sobre o facto de estarmos mais inclinados a denunciar os erros, as ilusões do passado, de outras civilizações, do que a questionar-nos sobre as

nossas próprias possibilidades de erro e de ilusão. Por que milagre seríamos imunes ao erro?

Voltar ao conhecimento, à sua fonte, ao sujeito cognoscente, é um complemento necessário a todo o conhecimento, qualquer que ele seja, inclusive o conhecimento global. O que é central são os princípios a partir dos quais organizamos o mundo que conhecemos, é o que podemos chamar o “paradigma” que orienta os sistemas de conhecimento e de pensamento. As nossas ideias obedecem a um paradigma de redução e disjunção. Não temos essa consciência, mas é ele que orienta todo o nosso sistema de ensino, todo o nosso sistema de conhecimento e todo o nosso sistema de pensamento, salvo exceções marginais. Quando estamos sob o domínio desse paradigma, vemos todas as coisas separadas e vemos todas as coisas reduzidas aos seus elementos mais simples. E pensamos que tudo o que contradiga essa visão é considerada pura conversa, pura tolice, pura loucura. Estamos numa época que precisa de uma mudança de paradigma e isso acontece muito raramente na história. Trata-se de substituir a disjunção pela distinção, a conexão pela redução: é preciso distinguir e, ao mesmo tempo, conectar. Esse é o paradigma da complexidade.

Mas estamos num período a que chamo “pré-história da mente humana”. Os nossos antepassados, os *sapiens* de Cro-Magnon, não tinham ferramentas muito avançadas, mas tinham a mesma mente, o mesmo cérebro de Marx, Einstein, Miguel Ângelo, Rimbaud, Hitler, Staline... Quem é que nos garante que nós chegamos à plenitude dos nossos meios cerebrais, mentais, intelectuais? Nada, exceto a vaidade ou a arrogância. Como bem demonstrou Louis Bolck² com o seu já citado processo de juvenilização: a característica do ser humano é ser inacabado. E o mesmo se aplica à mente nesta idade de ferro planetária que conhecemos. Isso é muito prejudicial para o

² Anatomista e biólogo holandês (1866-1930).

conhecimento e para o pensamento, porque os tormentos, as ansiedades fazem renascer o fanatismo, os medos, as piores condições em que podem surgir os conflitos mais mortíferos, as piores regressões políticas. Face a esses perigos, somos levados a procurar um pensamento mais aberto, global e ao mesmo tempo complexo. Devemos evitar a chamada “racionalização”, isto é, sistemas lógicos, mas que não têm nem base, nem fundamento. Devemos evitar a dogmatização, isto é, o endurecimento das nossas ideias, a recusa em confrontá-las com a experiência. Devemos abandonar uma racionalidade fechada, incapaz de apreender o que escapa à lógica clássica, incapaz de compreender o que a excede, para nos dedicarmos a uma racionalidade aberta conhecedora dos seus limites e consciente do irracionalizável. Devemos lutar constantemente para não acreditarmos em ilusões que assumirão a solidez de uma crença mitológica. Estamos neste mundo global confrontados com as dificuldades do pensamento global, que são as mesmas que as dificuldades do pensamento complexo.

Vivemos o começo de um começo.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE

ANA CLARA SANTOS

Universidade do Algarve